

A comunicação entre crianças, pais e treinadores* na escolinha esportiva de basquetebol em aulas e eventos esportivos – a perspectiva a partir dos sujeitos

Marisa Mendes Götz**
Benno Becker, Jr.**

Resumo

Este estudo foi realizado com crianças, pais e treinadores de uma escolinha esportiva de Basquetebol, em aulas e eventos esportivos. A referida escolinha faz parte de um programa de iniciação esportiva da Secretaria Municipal de esportes, recreação e lazer de Porto Alegre (SME). É de corte qualitativo, descritivo, um estudo do tipo etnográfico. O problema do estudo foi: Como ocorre a comunicação entre crianças, pais e treinadores na escolinha esportiva de Basquetebol, em aulas e eventos esportivos?

O estudo ficou organizado em referencial teórico, decisões metodológicas, análise e interpretação das informações que foram obtidas através das observações, entrevistas semi-estruturadas, diário de campo e análise de documentos.

A partir das informações surgiram 265 unidades de significado que aproximadas por temáticas foram obtidas três categorias de análise.

Palavras-chave: *comunicação, crianças, pais, treinadores, escolinha esportiva.*

Abstract

This study had as its main purpose the analysis and interpretation of the means by which communication between children, parents and trainers occurs in classes and sporting events of the basketball school of the Porto Alegre County Secretariat of Sports, Recreation and Leisure. For the development of the research the methodological principles that guide a

qualitative research were used, being a study of the ethnographic type. As an instrument to collect information, visual observation, semi-structured interviews, field journals and document analysis were used. The analysis and interpretation of the information was carried through the following categories of analysis: communication between children and parents about the reasons that lead the child to adhere to basketball sporting school; communication between parents and trainers about the purpose of the school; and communication between the children, parents and trainer in classes and sporting events.

Keywords: *communication, children, parents and trainers and basketball school.*

Resumen

Este estudio fue realizado con niños, padres y entrenadores de una escuela (“escolinha”) de Básquetbol, en aulas y eventos deportivos. Dicha escuela participa de un programa de iniciación deportiva de la “Secretaria Municipal de Esportes, Recreación e Lazer de Porto Alegre” (SME). Es de corte cualitativo, descriptivo, un estudio de tipo etnográfico. El problema del estudio fue: ¿Cómo ocurre la comunicación entre niños, padres y entrenadores en la escuela deportiva de Básquetbol, en aulas y eventos deportivos? El estudio fue organizado en referencial teórico, decisiones metodológicas, análisis e interpretación de las informaciones que fueron obtenidas a través de las observaciones, encuestas semiestructuradas, diario de campo y análisis de documentos.

A partir de las informaciones surgieron 265 unidades de significado que aproximadas por temáticas fueron obtenidas tres categoría de análisis.

Palabras-clave: *comunicación, niños, padres, entrenadores, escuela deportiva (“escolinha”).*

Introdução

O presente estudo teve como finalidade verificar a comunicação entre crianças, pais e treinadores* de uma escolinha esportiva de Basquetebol, durante as aulas e os eventos esportivos na perspectiva desses sujeitos.

Através da análise e interpretação das informações, sem a pretensão de fazer generalizações, serão colocadas algumas interpretações que foram significativas a respeito de como ocorreu a comunicação entre as crianças, pais e treinadores nesse contexto que faz parte de um programa de iniciação esportiva destinado a comunidade de Porto Alegre.

É grande o número de crianças que iniciam todos os dias alguma atividade esportiva. Essa iniciação ocorre muitas vezes na escola e se complementa em escolinhas esportivas, no geral localizada em um clube esportivo, escola particular ou centro comunitário.

As escolinhas estão distribuídas por vários pontos da cidade, cada uma com sua especificidade. São coordenadas ou dirigidas por professores de Educação Física, acadêmicos de Educação Física ou ex-atletas (BECKER JR. 2000a). Entre os objetivos que desejam alcançar, estão, ensinar uma modalidade esportiva ou aperfeiçoá-la, compor uma equipe para participar de campeonatos ou ainda oportunizar a uma comunidade que não tenha como pagar um clube esportivo o direito de praticar um esporte. As escolinhas esportivas são uma maneira de ocupar o tempo livre das crianças que ficam dentro de casa sem poder brincar na rua. Com o aumento desenfreado das cidades, principalmente num grande centro, acabaram-se as brincadeiras de rua, os “campinhos” que havia nas cidades antigamente; e as crianças foram ficando cada vez mais dentro de casa.

Desse modo, as escolinhas esportivas passaram a ser alternativas para esses pais deixarem seus filhos ocuparem as horas livres, aprendendo alguma modalidade esportiva ou até mesmo servindo de lugar para deixá-las quando eles têm algum compromisso social ou profissional (BECKER JR., 2000a).

As análises e interpretações das falas dos sujeitos envolvidos naquele contexto juntamente com a nossa subjetividade nos fazem pensar que esse estudo poderia contribuir para que novas investigações possam surgir na intenção de aprofundar o referido tema que foi a comunicação entre crianças, pais e treinadores.

A comunicação

A linguagem é o que diferencia o homem dos outros animais e sem a linguagem seria para ele impossível demonstrar sua cultura, sua história ou ser o que ele é. Através da comunicação são compartilhados modos de vida, pensamentos, atitudes e comportamentos que podem ser feitos por meio de uma linguagem na forma verbal de acordo com cada pessoa, cultura e classe social (DELPRETTE, 1999). Ao se referir à comunicação na sociedade essa mesma autora diz que ela é responsável pela formação de extensas redes de trocas sociais que são capazes de dar continuação a uma cultura ou modificar a realidade social. A maioria das pessoas ocupa seu tempo com interações sociais e mesmo aquelas que vivem mais sozinhas sentem necessidade de ter esses contatos com colegas ou pessoas amigas. Para que essas interações ocorram de maneira efetiva dependem da comunicação entre essas pessoas. (DELPRETTE, 1999).

A comunicação verbal, utilizada no cotidiano ou fora dele possui signos que regulam o intercâmbio verbal e possibilitam a compreensão do que é falado. (DAVIS, 1979). Elas são apenas o início e, segundo a citada autora, existe um solo firme além das palavras em que se constroem as relações humanas que é a comunicação não-verbal.

Para Del Prette, 1999, a comunicação verbal pode estar presente ou não quando nos comunicamos, enquanto que a comunicação não-verbal está sempre presente e, segundo essa autora, são utilizados 65% de componentes não-verbais, e 35% de verbais, quando alguém se comunica.

A criança, mesmo antes de falar, utiliza-se de formas não-verbais de comunicação; antes de aprender a falar a sua comunicação se faz por intermédio de seu corpo; no entanto, no momento que há manifestações da fala, essas mensagens corporais são deixadas de lado pelas pessoas que cercam a criança, como se elas não mais existissem.

Conforme Rector e Trinta, (1993) o comportamento da expressão do ser humano não se limita aos gestos, a postura ou movimentos que o corpo ofereça. E a interação social tem situações definidas por características culturais. Isto ocorre através das normas que regem o comportamento de uma sociedade.

O comportamento não-verbal não apenas se ajusta à expressão linguística, como também revela a expressão de intenções e o estado afetivo das pessoas. Ela incide sobre as relações interpessoais, regulando a interação e proporcionando o contraste de atitudes e personalidades individuais. Com o movimento de seu corpo, o homem expressa sua emoção de maneira tão evidente que não tem como disfarçá-los verbalmente. Confirmando isto: *“O gesto é, portanto, uma ação corporal visível pela qual um certo significado é transmitido por meio de expressão voluntária”* (RECTOR e TRINTA 1993, p.23).

Todos esses gestos têm grande influência nas pessoas que se envolvem no contexto esportivo. Segundo Becker Jr. (2000a), no esporte há muitas expressões feitas com o corpo como: aplaudir, elevar o polegar, apertar as mãos. Segundo o autor o treinador precisa ter boa comunicação com seus atletas. O conteúdo verbal de sua fala deve estar de acordo com a sua linguagem corporal. Se isso não ocorrer é certo que estará acontecendo uma comunicação ambígua que irá prejudicar as interações entre o treinador e os atletas, pois essa será

logo percebida. A mensagem da área verbal será anulada pela não verbal.

Concordando com o que disse o autor anterior, Weinberg e Gould (2001) referiram-se dessa forma a comunicação não-verbal.

“Mensagens não-verbais são mais difícil de esconder e controlar conscientemente do que as mensagens verbais; portanto, elas muitas vezes são indicadores precisos de como uma pessoa se sente” (WEINBERG e GOLUD, 2001, p.231).

Para Weinberg e Gould (2001), provavelmente o que ocorre com as mensagens não-verbais não estejam sob o nosso controle consciente, revelando nossas atitudes e sentimentos, por isso se torna difícil escondê-las. Dizem que à maneira como se fala, a qualidade da voz trai os nossos sentimentos, o estado de humor, declarando verdadeiramente o que estamos sentindo e que não queremos, muitas vezes, declarar verbalmente.

Para o ser humano ao se comunicar com seus semelhantes, ele utiliza zonas de comunicação que são chamadas de proxêmica; sendo assim, ele ao se comunicar fica próximo ou distante de quem está falando. (BECKER JR., 2000a).

Para este autor, no contexto esportivo os treinadores muitas vezes gritam durante as competições e os treinamentos, atribuindo essas causas à distância em que se encontram de seus atletas. Tivemos ocasião de verificar isso por parte de um familiar de um garoto que atuava na escolinha; a pessoa estava ao nosso lado, assistindo simultaneamente o jogo de basquete e o jogo de futsal. No jogo de futsal, o técnico gritava com as crianças, e o familiar, ao ser perguntado como percebia da conduta daquele treinador, disse: *“Técnico tem que gritar com os jogadores, porque todos os técnicos gritam”*¹. Interpretamos as palavras dessa pessoa como sendo atitudes que elas vêem através da mídia: de tanto serem repetidas, acabam por serem vistas como normais, mesmo estando erradas.

Becker Jr. (2002) confirma isto, quando relata que, mesmo nos esportes que o treinador fica próximo de seus atletas, eles continuam gritando. Tal conduta leva a uma perda de energia inútil, e a comunicação fica prejudicada.

“O grito leva o atleta inconscientemente a proteger-se, contraindo a musculatura corporal como uma espécie de armadura e rejeitar o conteúdo que está embutido nessa expressão emocional” (BECKER JR., 2000a p. 92). E nos diz que conhecer a pára-linguagem e como usá-la é importante para que o treinador não prejudique, com sua conduta, a comunicação com o grupo.

Uma componente importante na comunicação é a escuta ativa. Quando ouvimos alguém, utilizamos a nossa comunicação não-verbal que é o contato ocular direto e formas de acenar para demonstrar que estamos interessados no assunto que estamos escutando (WEINBERG e GOULD, 2001).

Muitas vezes a comunicação ineficaz pode ser causada por mensagens ambíguas que são dadas através da fala verbal, mas que não condiz com a nossa mensagem corporal. Quando nos comunicamos com outras pessoas é importante enviarmos mensagens efetivas², tanto verbais como não verbais, pois através da comunicação efetiva resultam em interações positivas. (WEINBERG e GOULD, 2001).

Segundo Rector e Trinta (1993), quando nos referimos à comunicação não-verbal parece que ela é vista como um complemento do processo de comunicação. Mas o que ocorre, segundo estes autores, é que, quando nos comunicamos, ouvimos a nós mesmos como ouvimos os outros, mas não nos vimos. E, segundo eles, essas duas formas de nos comunicarmos não ocorrem dissociadas uma da outra, elas fazem parte da linguagem, a comunicação verbal pela lingüística e a comunicação não-verbal pelos significados da expressão corporal das pessoas.

Estudos de Mehrabian apud Becker Jr. (2000a), ressaltam que as mensagens feitas através da fala têm nos componentes verbais 7%, alternâncias vocais 38% e expressões faciais 55%. Como podemos observar, a maioria das mensagens é transmitida através da área não-verbal. Existem outras formas de nos comunicarmos que não apenas a linguagem verbal, como nos diz este au-

tor: “A linguagem é obviamente essencial aos seres humanos, mas não nos conta a história toda da comunicação humana” (MILLER, 1978, p.248).

Reforços na comunicação

As pessoas necessitam receber *feedback* de suas ações, quando estão realizando uma atividade. Levando-se para a prática esportiva, para que se crie um ambiente que promova o prazer no crescimento, domínio das habilidades e capacidades, os profissionais do esporte investem em técnicas de motivação que são baseadas nos princípios do reforço.

Para os Psicólogos do Esporte existem formas positivas e negativas de ensinar. O reforço positivo é baseado em recompensar o comportamento adequado das pessoas, aumentando a probabilidade de elas repetirem esses comportamentos. Ao contrário, a abordagem negativa focaliza-se em punir comportamentos indesejáveis, o que provavelmente levaria a uma redução desses comportamentos. Como a abordagem negativa focaliza-se nos erros e tenta eliminar esses comportamentos negativos por meio de punição e crítica, a motivação para esse comportamento é o medo (WEINBERG e GOULD, 2001).

As recompensas devem satisfazer necessidades das pessoas que as recebem. Por isso é importante que se conheça o gosto daqueles com quem se trabalha, para se utilizar reforços de acordo com cada um.

Alguns exemplos de reforços efetivos segundo esses autores:

- Reforçadores sociais: elogios, sorrisos, cumprimentos, publicidade.
- Reforçadores materiais: troféus, medalhas, faixas, camisetas.
- Reforçadores de atividade: jogarem em vez de treinar, jogar em posição diferente, fazer uma viagem para jogar com outro time, descansar.
- Saídas especiais: ir a um jogo profissional, planejar uma festa do time, assistir a uma apresentação de um atleta profissional.

Os elogios verbais e não-verbais são muito importante para otimizar a comunicação entre as pessoas. O elogio verbal favorece o *feedback* positivo e ajuda os atletas a procurarem fazer o melhor. Um simples cumprimento pelo bom trabalho pode ser o reconhecimento de que ele contribui para o time ou até para realização de um objetivo pessoal.

Antes de nos encaminharmos para o próximo item onde trataremos do contexto estudado, percebemos através das reflexões que realizamos com os vários autores anteriores, o quanto é importante haver uma comunicação efetiva entre as pessoas.

Para que seja alcançada essa otimização na comunicação é necessário desenvolvermos essas habilidades de comunicação fornecendo “feedback” positivos as pessoas com quem estamos nos comunicando. (WEINBERGEGOULD,2001).

O contexto estudado: a escolinha esportiva de basquetebol da SME

Quando optamos por realizar o nosso estudo em um contexto de escolinha esportiva comunitária, não sabíamos que o esporte para a comunidade já acontecia há muito tempo em Porto Alegre.

Voltando um pouco a um passado recente, para melhor nos situarmos nas práticas esportivas dirigidas à comunidade em Porto Alegre, encontramos sinais muito fortes de que a recreação pública existia desde 1926. A iniciativa partiu de um professor chamado Frederico G. Gaelzer que tinha a preocupação em orientar as pessoas para realizar atividades esportivas para ocuparem seu tempo livre. Esse trabalho teve início em uma das praças que tinha o nome de “Alto da Bronze”, hoje praça General Osório (GAELZER, 1985).

No ano de 1955 a Secretaria Municipal de Educação e Cultura Popular e superintendência de Ensino Municipal, originariam os Setores de Jardins de Recreação Pública com setores esportivos: as praças.

Segundo Rodrigues (2000), todos os espaços públicos de lazer esportivos até 1989 estavam na zona central da cidade de Porto Alegre e eram 16 praças. Os professores de Educação Física trabalhavam com aprendizagem esportivas de diversas modalidades, sob a forma de escolinhas.

Através do orçamento participativo foi priorizada a construção de módulos esportivos na zona de periferia da cidade, sendo assim descentralizado o trabalho de esportes na cidade para outras zonas.

Em 1993, já eram 32 praças e 90 professores que atuavam no trabalho da supervisão de Esportes e Recreação Pública e tinha um vínculo com a Secretaria Municipal de Educação (SMED). Houve necessidade de ser criada uma Secretaria que tratasse da Recreação, Esporte e Lazer, sendo então criada a atual SME no ano de 1994, que atualmente mantém um número de 110 professores e 25 estagiários de Educação Física, responsáveis pela execução de todas as atividades relacionadas com esportes.

Unidades recreativas

Unidades Recreativas significam os locais em praças, ginásio e parques em que a SME administra os espaços públicos, como as escolinhas esportivas, grupos de convivência, festas comunitárias, atividades recreativas, promovendo jogos, torneios e campeonatos nas praças (RODRIGUES, 2000).

Ingresso das crianças às escolinhas esportivas

Durante o período de férias são realizadas inscrições dos alunos interessados em praticar alguma modalidade esportiva. Antes de iniciar o período de aulas na escolinha é realizado um sorteio, aberto ao público, para determinar quem ocupará as vagas da modalidade que escolheu. Tivemos a oportunidade de acompanhar a referida atividade. Cada modalidade realiza o sorteio em um dia determinado.

Os trabalhos relacionados com o esporte na Prefeitura de Porto Alegre fundamentam-se em Diretrizes Pedagógicas articuladas e construídas por um trabalho conjunto dos professores que compõe a SME. Pudemos constatar isso através do documento a que tivemos acesso, o que baliza as ações e o trabalho da SME, na área do lazer esportivo/recreativo; segundo esse documento, é que as intervenções didáticas pedagógicas da SME são definidas de acordo com as características da própria clientela e, para o trabalho, é adotada uma referência que são as faixas etárias.

No caso do Basquetebol para a faixa etária de dez a doze anos, a que nos propomos a estudar, os objetivos estão explícitos nos planos de ensino que são feitos pelos professores e que se encontram junto à coordenação pedagógica das Unidades Recreativas.

Os eventos esportivos para esta faixa etária têm o perfil de encontros, onde são convidados todos os locais que possuem escolinhas de basquetebol da SME, alguns clubes esportivos e escolas da cidade. Nesses encontros são vivenciadas as regras do Mini-Basquetebol, todas as crianças arremessam uma vez no final dos jogos e os pais entram em quadra e arremessam para as equipes de seus filhos, convertidos os pontos para as equipes das crianças. Durante as aulas com a faixa etária (crianças), a intervenção do professor é mais marcante, caracterizando a estrutura de aula. (Diretrizes Pedagógicas 2000). Quanto à frequência, são registradas pelo professor da escolinha todos os dias na aula. As crianças não podem ter mais de três faltas no mês, sob pena de perder a vaga, tendo de inscrever-se de novo e esperar outro sorteio. Para os alunos menores de catorze anos, as atividades são gratuitas.

Decisões metodológicas

Nas últimas décadas com o grande número de crianças aderindo às atividades esportivas, no campo da investigação, surgiu a preocupação em realizar um estudo que se verifique a partir da perspectiva desses sujeitos, o que ocorre nesse contexto da criança no esporte.

Assim, o presente estudo verificou a comunicação entre as crianças, pais e treinadores de uma escolinha esportiva de basquetebol, da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre (SME), nas aulas e nos eventos esportivos. O problema da investigação ficou definido dessa forma:

Considerando a área de interesse do estudo e principalmente os objetivos formulados, a trajetória metodológica aqui delineada, fundamenta-se no paradigma interpretativo-qualitativo, com especial enfoque num estudo do tipo etnográfico.

Como ocorre a comunicação entre as crianças, os pais e os treinadores, em uma escolinha esportiva de basquetebol, nas aulas e nos eventos esportivos da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer, do Município de Porto Alegre (SME)?

Esse estudo caracterizou-se por ser exploratório, em um primeiro momento; nele pretendemos descrever o fenômeno e as possíveis relações que se processaram no contexto focalizado. Para fundamentá-lo fomos buscar apoio em Triviños (1987, p.109), quando enfatiza “*que os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de um determinado problema*”.

Esse processo, no presente estudo, ocorreu quando fizemos aproximações preliminares, ou seja, após decidir onde realizaríamos o estudo; fomos até as Unidades Recreativas onde se desenvolviam os trabalhos com as escolinhas esportivas, para conhecê-las.

A escolha do paradigma qualitativo foi feita, pois se tratava de um tema complexo e subjetivo que envolvia as crenças, os valores e as convicções dos sujeitos envolvidos. Um estudo que segundo nossa opinião necessitaria várias idas ao campo, falar com as pessoas envolvidas, participar daqueles momentos em que eles são atores em um determinado contexto.

Conforme afirma Negrine (1999, p.61):

“Mais recentemente a etnografia, como modelo viável de investigação dentro de uma perspectiva de paradigma qualitativo, passa a ser utilizada no campo da educação, fundamentalmente em estudos que se propõe investigar as relações e comportamentos complexos e subjetivos como os que ocorrem no âmbito escolar”.

O método deve estar muito próximo do objetivo do estudo, portanto devemos nos arriscar por caminhos, sem medo de errar, mesmo que eles tenham sido pouco percorridos. O estudo torna-se árduo; pesquisar significa resolver problemas e, muitas vezes, sofrer com as nossas limitações, mas descobrir que nossa capacidade de resolvê-los pode ir além do que imaginávamos é por demais gratificante.

A escolha de um estudo do tipo etnográfico ocorreu pelo fato do contexto estudado ser uma escolinha esportiva, onde encontramos ações pedagógicas desenvolvidas por treinadores que têm sua formação como professores de Educação Física ou são acadêmicos desta área.

Em Molina Neto (1999, p.107) lemos que:

“A etnografia vem encontrando, no âmbito da educação, um terreno fértil para o seu desenvolvimento, principalmente porque os enfoques sistematicamente utilizados nas pesquisas educativas não oferecem respostas satisfatórias para uma série de questões, que vêm progressivamente se configurando em relevantes problemas de pesquisa”.

Para uma melhor compreensão do processo de investigação e seguindo as orientações metodológicas que definem o modelo qualitativo, definiremos as fases que compõem este processo.

Fases do processo de investigação

As fases do processo de investigação tiveram como fundamentação teórica os estudos de Negrine (1993) que se caracterizou por dividir o trabalho em cinco fases distintas:

Quadro 1. Fases do processo de investigação

1ª fase	Definição da área de estudo: a) escolha do tema; b) definição do problema; c) definição dos objetivos do estudo; d) delimitação das questões da pesquisa; e) elaboração da fundamentação teórica.
2ª fase	Definição das estratégias metodológicas a) definição do paradigma e do método de investigação; b) definição dos participantes
3ª fase	Definição das técnicas para coleta de informações a) definição e elaboração dos instrumentos; b) realização do estudo preliminar.
4ª fase	Coleta de informações Instrumentos utilizados a) observações; b) entrevista; c) análise de documentos; d) diário de campo.
5ª fase	Análise das informações a) descrição da análise; b) discussão e interpretação.

As categorias de análise

A descrição e análise das informações foram realizadas a partir das entrevistas, das observações, das anotações do diário de campo, análise dos documentos do estudo preliminar e do estudo propriamente dito. Com este volume de informações obtidas e organizadas em três painéis foram definidas 265 unidades relevantes. A criteriosa leitura do extenso material recolhido e organizado ajudou no momento da elaboração das categorias de análise definitivas. Segundo Minayo (1992), não é necessário que essas categorias de análise, no estudo do tipo etnográfico, sejam definidas anteriormente.

Portanto, a realização dos procedimentos que foram adotados possibilitou que surgissem as seguintes categorias de análise, conforme mostramos a seguir:

- 1) Comunicação entre crianças e pais sobre motivos que os levam a buscar à escolinha esportiva de basquetebol;
- 2) Comunicação entre pais e treinadores sobre a proposta pedagógica da escolinha;
- 3) Comunicação entre as crianças, os pais e o treinador, nas aulas e nos eventos esportivos.

No presente artigo, para adequar-nos as normas de publicação da revista, e pelo trabalho ter ficado extenso, colocaremos a análise e interpretação da terceira categoria de análise que se refere à comunicação entre as crianças, os pais e os treinadores, nas aulas e nos eventos esportivos.

Comunicação entre as crianças, os pais e o treinador, nas aulas e nos eventos esportivos

A terceira categoria de análise que surgiu a partir das informações recolhidas ficou subdividida em:

- a) A comunicação entre treinadores e crianças na visão dos pais.
- b) A comunicação entre treinadores e crianças na visão das crianças.
- c) A comunicação entre treinadores e crianças na visão dos treinadores.
- d) A comunicação entre crianças e pais na visão dos treinadores.
- e) A comunicação entre crianças e pais na visão das crianças.
- f) A comunicação entre crianças e pais na visão dos pais.
- g) A comunicação entre treinadores e pais na visão dos pais.
- h) A comunicação entre treinadores e pais na visão dos treinadores.

- i) A comunicação entre pais e treinadores na visão das crianças.

A comunicação entre treinadores e crianças na visão dos pais

Ao realizarmos o levantamento junto aos pais sobre como percebiam a comunicação entre o treinador e as crianças durante as aulas e os eventos, constatamos que:

Nas aulas a maioria dos pais entrevistados concordavam com o tipo de comunicação que se estabelecia entre o treinador e as crianças.

Podemos exemplificar esse levantamento com a entrevista de Geraldo, pai de Bruno:

Nessa parte eu to bem satisfeito da relação do professor com os alunos, porque eu vejo que ele é uma pessoa que ele sempre procura incentivar os alunos e não é daqueles professores que ficam atucanando o aluno, ele dá, ele procura dar força dentro das suas possibilidades. (entrevista com Geraldo, e.p.d.25-11-01).

A comunicação dos treinadores com as crianças, durante as aulas, segundo os pais, não são percebidas da mesma maneira nos eventos esportivos. Os pais entendiam que a comunicação dos treinadores com as crianças tinham que ser feitas através de condutas orientadas para a tarefa, onde prevalecem mais pressões e mais cobranças. Segundo Becker Jr. (2000a), esse modelo tem como finalidade o rendimento do atleta, e se preocupam com o desenvolvimento de suas habilidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas. Um terço dos pais entrevistados não concordavam com a maneira como o treinador se comunicava com as crianças, conforme a entrevista:

“É algumas vezes as crianças ficam meio abandonadas nos campeonatos, porque os professores ficam de juiz, ou organizando o campeonato então as crianças ficam meio abandonadas no campeonato, mas como entre eles estão bem integrados eles conseguem superar essa dificuldade. Meio falha, meio falha, porque ele não fica muito com as crianças, então eu acho que as crianças acham falta da comunicação do professor ali estimulando, um pouco falha nos campeonatos eu acho.” (entrevista com Betina, e.p. 16-07-01).

Concordando com a idéia de Betina, os pais Fernanda e Geraldo queriam que os treinadores fizessem mais cobranças a seus filhos, o que vai de encontro à proposta pedagógica do que propõe a escolinha esportiva que é o esporte-participação.

Nesse momento da discussão, verificamos que muitos pais entrevistados concordavam com a comunicação dos treinadores nas aulas e discordavam como estes se comunicavam com as crianças nos eventos esportivos. Evidenciamos a contradição dos pais ao desejarem comunicações diferentes do treinador nas aulas e nos eventos, sem perceberem as conseqüências que essa conduta poderia trazer para seus filhos.

A comunicação do treinador com as crianças na visão das crianças

Para as crianças da pesquisa, os treinadores, em geral, possuíam uma boa comunicação, priorizando o relacionamento e a participação. O professor apresentava uma conduta orientada para o relacionamento e a comunicação era feita através de reforços positivos. Através da conversa com as crianças e as observações das aulas, refletimos sobre um componente importante da comunicação que, segundo Weinberg e Gould (2001), ao se referirem ao reforço positivo e reforço negativo como abordagem que influem no comportamento, falamos na abordagem positiva, aumentando a probabilidade de fazer coisas desejáveis no futuro. Inversamente à positiva, a abordagem negativa focaliza-se em punir.

Segundo a análise das informações que obtivemos com a entrevista das crianças é que a comunicação dos treinadores que observamos as aulas ocorria através de reforços positivos e que as crianças se sentiam gratificadas com isso que mesmo eles errando o treinador os apoiava. Constatamos através das entrevistas que havia crianças que estavam na escolinha há quatro anos e mesmo aquelas que não queriam o basquetebol, entraram porque era o esporte que tinha vaga, permaneceram por ter gostado de praticá-lo.

Comunicação entre crianças e treinadores na visão dos treinadores

As entrevistas realizadas com os treinadores possibilitaram fazer uma reflexão em relação à comunicação dos treinadores com as crianças na visão desses treinadores nas aulas e nos eventos esportivos. De acordo com os treinadores, também houve uma unanimidade em relação à comunicação dos mesmos com as crianças. Segundo eles, a comunicação com as crianças é boa, a partir de uma conduta orientada para o relacionamento.

Essa comunicação foi verificada, também, através de nossa observação:

“O treinador está próximo das crianças que estão esperando para entrar no jogo. Olha o jogo e não se manifesta muito. Quando troca um jogador elogia o que sai e passa a mão na sua cabeça”. (obs. da aula de Antônio, e.p. 24-11-00).

Nas aulas de Antônio, verificamos além dele dar reforços positivos às crianças, quando eles estão realizando alguma atividade, ele os escutava ativamente e isso pudemos verificar, quando reunia as crianças no círculo, todos sentados no chão ou mesmo em pé. A escuta ativa segundo Weinberg e Gould (2000), que envolve a comunicação não-verbal, era verificada, quando Antônio escutava seus alunos e ficava, olhando em seus olhos, quando estavam falando e fazendo acenos com a cabeça, confirmando que estava entendendo o que estavam dizendo.

As aulas que observamos dos três treinadores, tinham uma conduta orientada para o relacionamento, demonstrando preocupação com as relações interpessoais. Nos eventos, nem sempre a comunicação dos treinadores que participaram preocupou-se com o relacionamento, e as finalidades do seu trabalho foram o esporte-participação.

Fernando foi um dos treinadores que entrevistamos, sem que observássemos suas aulas. Foi incluído no estudo pela sua representatividade, pois ele fez parte de um evento que nós observamos. Trazia as crianças que representavam um clube esportivo da cidade. Fa-

lamos a ele que estávamos realizando uma pesquisa e que gostaríamos de conversar. Perguntamos qual era o objetivo ao trazer as crianças para jogar nesse encontro de basquetebol e em sua entrevista disse-nos o seguinte:

“Nesses campeonatos eu coloco meus jogadores reservas para jogar, pois os pais me cobram que seus filhos estão na escolinha e não jogam, que eu não poderia fazer num campeonato oficial, pois nós iríamos perdere também para formar um grupo, mas aqui eles não aprendem nada.” (entrevista com Fernando, 25-11-00).

Através do relato de Fernando, foi percebida uma diferença de suas finalidades ao participar do Encontro de basquetebol, em relação às finalidades do esporte-participação, indo de encontro à proposta do programa de iniciação da SME.

Mesmo um treinador que se dizia coerente com a proposta da SME do esporte-participação, demonstrava sua incoerência através da sua comunicação não-verbal. Primeiramente colocaremos a entrevista e a seguir o que observamos no evento em relação à comunicação não-verbal:

“Bom, a minha comunicação. A primeira coisa que eu passo pra eles que eu não quero ser todo poderoso, dono da verdade, que as idéias devem vir tanto deles, quanto minha como, uma coisa que eu digo se existe algum prejudicado ou favorecido são as crianças e eles devem me ajudar a construir uma boa aula, bom, a questão, eu entendo que a questão do basquete, ele é um meio que a minha visão não se limita à questão humana da formação da criança, trabalhando junto com os pais, escutando as necessidades dos alunos, os objetivos não devem satisfazer o ego do professor e sim as necessidades do aluno”. (entrevista com Diego e.p.d. 25-11-01).

“Diego fica, em pé, na beira da quadra, fala para as crianças:” Quem é o armador? Calma gente!” *Pede calma, abre os braços, sacode a cabeça, desaprova a atitude de uma criança que está no grupo. A criança coloca as mãos na cabeça.* (obs: Encontro de basquete, 25-11-00).

A comunicação não-verbal de Diego vai ao encontro do que diz (WEINBERG e GOULD, 2001). Segundo esses autores, as pessoas muitas vezes não têm consciên-

cia dos indícios verbais que elas usam para se comunicar e também às vezes ignoram os indícios não-verbais com que se deparam.

As observações que a seguir descreveremos referem-se a esta forma de comunicação não-verbal:

“Estou observando o evento e noto que há equipes que estão vestidas com jalecos e outros estão com uniforme completo. Não havia um uniforme padrão para todas as equipes. Diego trouxe seus alunos todos uniformizados”. (obs. do evento 15-10-01).

Ao observarmos como as crianças estavam vestidas, pensamos sobre uma forma de comunicação não-verbal que é a aparência pessoal, a forma visual como nós nos apresentamos (DEL PRETTE, 1999). A aparência física é uma forma de comunicação não-verbal e através de nossa roupa revelamos muitas coisas. Segundo Diego, o encontro de mini-basquetebol não deveria ter pressão de um campeonato. Na nossa opinião essa comunicação visual, quanto ao uniforme das crianças trazidas por Diego, demonstrava uma conotação de competição, e sua equipe se apresentava como se fossem “atletas em miniatura”.

Na entrevista que fizemos com o treinador Diego foi relatado por ele que sua comunicação com as crianças visava uma conduta voltada para o relacionamento, mas ao observarmos este treinador em três eventos esportivos na realidade isso não veio a acontecer, através de sua comunicação não-verbal. Portanto, foi percebido que não existe uma confirmação entre o que ele relatou e a sua comunicação com as crianças durante os eventos. Percebemos uma comunicação ambígua³ de Diego em relação às crianças e uma diferença de finalidades de Fernando em relação ao esporte-participação indo de encontro à proposta da SME. A comunicação de alguns treinadores ao participarem dos eventos ia de encontro à proposta da SME, pois se observaram cobranças de resultados na comunicação não-verbal desses treinadores. O que podemos interpretar nesse momento é que existe um limite muito tênue entre o esporte participação e a competição difícil de separar que nem mesmo os treinadores conseguem internalizar.

Ainda referente à terceira categoria de análise, quanto à comunicação entre pais e crianças na visão dos treinadores a subdividimos:

Comunicação entre pais e crianças na visão dos treinadores

Os treinadores foram unânimes em afirmar que os pais participavam pouco das aulas e alguns foram, além disso, nos dizendo que queriam uma maior aproximação com esses pais. Isto veio a se confirmar com as nossas observações das aulas e pela maioria das entrevistas que conseguimos realizar com os pais, em um evento esportivo.

Os contatos com os pais eram feitos através das crianças, mas eles nos relatavam que seus pais não poderiam vir por compromissos profissionais. Segundo Samulski (1995), os pais têm influência nas atividades esportivas de seus filhos, pois muitas vezes proporcionam ajuda financeira, levam e trazem as crianças precisando adequar suas atividades com os treinamentos e as competições e ainda proporcionam ajuda emocional aos seus filhos.

Quanto à participação dos pais nas aulas, ela acontecia quando esses pais deixavam seus filhos na escolinha e depois eles voltavam sozinhos; esses pais não ficavam olhando as aulas. Já os pais que assistiam às aulas ficavam sentados na arquibancada, quietos, olhando, conversando com outros pais, fazendo algum trabalho manual. Para Carla, a treinadora, a pouca participação dos pais tem a ver com a maior autonomia das próprias crianças, pois eles permitiam que elas andassem sozinhas, muitas vezes até por uma questão de necessidade. Ela nos revelou que este esporte comunitário recebia crianças de todas as classes sociais e que as crianças de classes mais baixas, os pais os deixavam andar sozinhos mais cedo. Geralmente o que acontecia é que os dois trabalhavam fora e na hora das aulas estavam trabalhando. Em nossas observações nos deparamos com o fato de muitas vezes algumas crianças que vinham para o basquete traziam

junto um irmão pequeno, e que eram responsáveis pelo seu cuidado.

Nas entrevistas realizadas, verificamos a existência de pais que assistem às aulas só no início, quando inscreviam as crianças na escolinha; depois as crianças eram levadas até a porta e muitas vezes vinham sozinhas. Alguns pais telefonavam para saber se seus filhos mais novos tinham chegado bem ou fazendo-os telefonar quando chegavam ao ginásio. Os pais tinham preocupação com as ruas movimentadas que circundavam o local das aulas; quando as aulas eram realizadas nas praças em que os filhos moravam perto, não existia essa preocupação.

Muitas mães também trabalhavam fora para melhorar a renda familiar, por isso tornava-se impossível acompanhar o filho; e havia aquelas que tentavam conciliar o trabalho com as atividades dos filhos:

“Quando eu posso sim, porque eu trabalho, né, então sempre que dá eu dou uma fugidinha pra assistir aula vê como é que é, principalmente no início, pra ver, gosto de conhecer o professor, vê como que é o relacionamento e tudo”. (entrevista com Eliane, e.p.d. 25-11-01).

Presença marcante nas aulas e nos eventos foi à avó Andréia; observamos que existe hoje uma mudança de comportamento em algumas avós. Essa era atleta da terceira idade, na modalidade de basquetebol, e havia incentivado seu neto para o esporte.

“Assisto todas fui até lá na Vila Elizabeth levar ele pra jogar um sol que bramia, ele foi de ônibus e eu fui de ônibus de linha, levando água pra ele nos confins do mundo”. (entrevista com Andréia, e.p. 11-07-01).

A comunicação entre crianças e pais durante as aulas era marcado pela ausência destes pais nas mesmas. Nas nossas observações, houve uma efetiva participação de duas avós nas aulas e nos eventos esportivos.

Nos eventos esportivos, de acordo com as nossas observações, a participação dos pais acontecia com mais frequência do que nas aulas. A presença dos pais nas aulas segundo a análise de informações não foi significativa, porque nesses horários eles estão trabalhando.

Comunicação entre pais e crianças nas aulas e nos eventos na visão das crianças

Através das entrevistas que realizamos com as crianças e colocaremos a seguir, pode ser visto como era a comunicação dos pais com as crianças:

“De vez enquanto minha mãe vem, o meu pai não que ele está trabalhando”. (entrevista com Carlos, e.p. 18-07-01).

“Não, a minha mãe as aulas ela não pode, por causa que ela tá trabalhando, mas quando é campeonato sim, nos fins de semana ela vem me ver jogando”. (entrevista com Osório, e.p.d. 26-10-01).

Ao fazerem referência à comunicação dos pais, as crianças nos relataram que eles não podiam vir às aulas, porque era horário de trabalho. Percebeu-se através da fala das crianças o quanto significava o pai ou a mãe terem um emprego, em uma classe social onde o desemprego é muito grande. A criança faz a leitura dessa necessidade e provavelmente compreende que para o pai ou a mãe, estar ali durante as aulas, seria impossível. Em relação à comunicação dos pais com as crianças nos eventos, através das nossas observações, podemos dizer que eles compareciam mais do que nas aulas. Isso se confirmou pela maior quantidade de entrevistas que conseguimos realizar com os pais no Encontro de 25 de novembro de 2001. As observações que fizemos dos eventos, em relação aos pais, é que ir a uma praça num final de semana, ir até o ginásio onde ocorria um evento, fazia parte de um momento de lazer a que os pais se davam o direito.

Carolina ao falar da comunicação dos seus pais em relação a ela nos eventos, disse que se sentia incentivada, quando eles estavam olhando e até melhorava seu desempenho. Para algumas crianças é importante a presença dos pais no momento em que estão jogando.

“Vão, nem sempre, mas vão. A eles começam torcer pra mim, né, pra mim ganhar, pra mim melhorar meu time, me sinto muito bem, daí assim que eu reajo, começo a jogar mais.” (entrevista com Carolina, e.p.d. 26-10-01)

O mesmo sentimento que teve Carolina com a presença de seus pais, não aconteceu com Gilberto que se incomodava com a presença dos seus pais olhando o seu jogo.

O que ocorre, segundo Becker Jr. (2000b), é que algumas crianças apresentam níveis de ansiedade e perdem o equilíbrio emocional com uma redução grande do seu rendimento, quando estão na presença dos pais. Porém, outras crianças não se incomodam.

“Assim eu fico com um pouco de vergonha, assim até eu me sinto melhor quando eles não tão, né”. (entrevista com Gilberto e.p.d. 26-10-01).

As análises das informações em relação à comunicação das crianças com os pais possibilitaram que entendêssemos o papel particularmente importante delas na experiência esportiva dos seus filhos. As atitudes e comportamentos dos pais têm efeitos importantes, tanto positivos como negativos, sobre o envolvimento no esporte, a motivação, auto-estima e a saúde mental de atletas jovens.

Comunicação entre crianças e pais na visão dos pais

De acordo com Machado (1997), podemos encontrar dois tipos de torcida no contexto esportivo: a silenciosa e a agressiva. Para esse autor muitas vezes aquele familiar que fica calado na arquibancada pode fazer parte de uma torcida silenciosa tão prejudicial à criança, quanto à torcida agressiva, pois este familiar, quando chega em casa, na intimidade, é que descarrega o que gostaria de ter dito durante o jogo. O que encontramos implícito na entrevista do pai Maurício:

“Mais de acordo com a minha disponibilidade eu às vezes assisto as aulas dele, dentro do possível, se eu pudesse assistiria sempre pra dar um incentivo ao meu filho e também nós trocamos idéia em casa, apesar dele ter professor bem experiente, né, mas é sempre, mas é sempre bom o pai de fora dar uma pincelada, então dentro do possível eu assisto”. (entrevista com Maurício, e.p.d. 26-10-01).

Já no caso da torcida agressiva, esta fica todo o tempo do jogo se manifestando, mas não foi o que encontramos. Os pais ficavam quietos olhando os jogos, quando muito alguns aplausos, mas não foram observados gritando nas arquibancadas.

Foi em um desses eventos que conseguimos ver reunidos uma maioria de pais, dando-nos a oportunidade de realizar o maior número de entrevistas.

Comunicação entre treinadores e pais na visão dos treinadores

De acordo com a análise de informações, a presença dos pais nas aulas acontecia raramente e nos eventos ela ocorria com maior frequência. Isso foi revelado pelos treinadores, quando perguntados como era a sua comunicação com os pais.

Bernardo, o treinador da turma da manhã, relatou que poucos pais o procuravam para conversar, pois dificilmente algum pai trazia a criança. Às vezes por conta de um problema com alguma criança o pai ou a mãe vinham e ele tinha a oportunidade de conversar. Os pais alegavam que tinham os seus compromissos profissionais e não dispunham de tempo para ficar assistindo às aulas. Esse tempo era dado, quando as crianças iniciavam na escolinha esportiva trazida por eles e o professor tinha a oportunidade de conversar e explicar a sua metodologia de trabalho. É o que nos falou Diego sobre a comunicação dele com os pais eram poucos os pais que compareciam às aulas, nessa faixa etária, abordada pela pesquisa; apenas cinco ou seis pais se faziam presentes às aulas.

Eugênio trouxe um grupo da escola, que ele compôs a partir das aulas de Educação Física; ele disse que os pais não tinham a participação nas aulas por se tratar de um grupo escolar. Através da nossa experiência, podemos verificar que a escola ainda se constitui em um lugar em que os pais não participam das aulas. Quando são chamados, até mesmo para reuniões, sua presença é muito pouca. Não se vê na escola nenhum pai assistindo as aulas de seu filho, mesmo as de Educação Física.

Nas observações das aulas que fizemos do estudo preliminar e do estudo propriamente dito, a presença dos pais era muito rara, como foi mencionado anteriormente.

A presença dos pais nos encontros de basquetebol acontecia de forma diferenciada de outro evento esportivo que tínhamos assistido até então. Os pais nos finais dos jogos eram convidados pelos treinadores para fazerem os lances livres e os pontos que eles faziam eram convertidos para as equipes de seus filhos. Observouse que existia um incentivo dos treinadores para que todos os pais entrassem em quadra para participar. As crianças ficavam torcendo pelos pais, na beira da tela.

“Muitas vezes é mostrar para esses pais como é difícil na posição de dentro da quadra, com todo um aparato assim de uma estrutura diferente do que eles estão acostumados, mas ta do lado de fora é uma coisa...” (entrevista com Antônio, e.p. 29-06-01).

Os pais eram chamados a participar dos eventos através de uma comunicação escrita que o filho levava para casa. Quando o evento ocorria em outro lugar, os pais eram chamados para uma reunião. Essas reuniões aconteciam antes de um evento marcante. Carla, quando se referiu às reuniões que fazia com os pais, disse que eles compareciam e, se não pudessem, mandavam avisar.

Diego, referindo-se às reuniões que fazia com os pais, considerava-as muito proveitosas, pois elas ajudavam a fazer os pais entender como deveriam ser as suas condutas durante os eventos.

Todos os treinadores foram unânimes em afirmar que os pais no início dos trabalhos das escolinhas, durante os eventos, cobravam mais dos seus filhos, mas no momento em que os treinadores conversavam com eles, as suas cobranças em relação aos filhos diminuía. Observou-se que durante as aulas isso ficava difícil, pois tudo tinha de ser conversado muito rapidamente.

“Antônio termina uma aula e começa a outra, uma mãe se aproxima dele para conversar, os alunos estão entrando em quadra e pegando as bolas, Antônio fala rapidamente com a mãe” (observação de Antônio, 24-11-00).

O que foi constatado em relação à comunicação dos treinadores com os pais, até o momento da análise dos dados, é que os treinadores tinham preocupação com que este contato fosse efetivado, mas que os momentos eram muito poucos para comunicarem-se com os pais. Teriam de ser criados novos espaços de discussão com as famílias, além dos poucos que já existiam.

Comunicação dos treinadores e pais na visão dos pais

Geraldo foi o pai que mais observamos nas aulas. Em certa época da nossa investigação, não vimos mais Geraldo, mas sua esposa estava sempre presente olhando as aulas de Bruno, na escolinha há quatro anos, segundo o pai.

Fernanda sentia necessidade de saber mais coisas em relação à escolinha em que havia colocado seu filho. Já havia tentado mais informações, mas não ficou contente com o que obteve, queria mais atenção. Na entrevista, estava angustiada porque seu filho não queria vir mais para o basquete e ela não sabia o que fazer, não entendia porque isso acontecia com seu filho.

“Outra coisa eles deveriam fazer reuniões com os pais, divulgar mais o esporte, divulgar mais o basquete, divulgar mais o que tem aqui dentro, né, eu não ouço nada às vezes lá na diretoria tu pergunta eles ficam meio na dúvida...” (entrevista com Fernanda, e.p.d. 26-10-01).

Em relação à comunicação dos treinadores com os pais, Eliane, a mãe de Diego que tinha aulas de basquetebol no parque, relatou que as comunicações eram feitas no início das aulas, através da coordenadora, e depois, por bilhetes enviados pelas crianças:

“Não, daí só é feito só o inicial com a coordenadora que cuida ali do Parque, e daí ela nos explica como vai ser feito e tudo, e cada vez que tem campeonato o professor manda bilhete, ou avisa pra eles, sempre quando vem o horário, local quem quer participar pode” (entrevista com Eliane, e.p.d. 25-11-01).

Mauricio, não se recordava de ter vindo a alguma reunião, pois segundo ele quem trouxera seu filho para a escolinha havia sido sua esposa:

“Olha que eu me recorde, não e eu não sei se eu estava junto, se eu estava junto eu não me lembro mais, mas poderia até quem sabe, estar a minha esposa, como eu te falei no início, foi ela o motivo que trouxe o meu filho pra cá foi idéia da minha esposa, ela que viu isso” (entrevista com Mauricio, e.p.d. 26-10-01).

Betina era uma mãe presente nas aulas de seu filho, Carlos, e, segundo ela, já havia participado de algumas reuniões. Conhecia as finalidades do esporte que ali se desenvolvia; percebemos que os problemas de obesidade de seu filho era algo que a angustiava e que iam além do que a escolinha poderia oferecer: *“... participei de algumas reuniões...”* (entrevista com Betina, e.p.d. 16-07-01).

Ao contrário de Betina, a avó Andréia havia colocado seu neto há três semanas no basquetebol, já tinham ido a um campeonato, mas desconhecia a proposta da escolinha, e não tinha assistido a nenhuma reunião, pois o treinador prometeu conversar com ela, mas não havia acontecido esta reunião:

“... eu tenho que falar com o professor, eu não tive entrevista com o professor; apenas apresentação, e eu não quero me meter; pra ta pesquisando, isso, aquilo, aquilo, outro, tenho que esperar por ele, eu sei que tem um dia que ele vai marcar com os avos e pais pra conversar...” (entrevista com a avó Andréia, e.p.d. 11-07-01).

Através dos relatos dos pais e familiares das crianças, percebemos quanto à comunicação com os treinadores, os pais sentiam a necessidade de terem mais momentos para discutirem as questões relacionadas ao programa em que seu filho estava inserido. Essa necessidade revelada pelos pais é ratificada, através da importância de se implantar no projeto de iniciação esportiva, um programa de assessoramento aos pais. Esse programa se justifica pela influência que estes pais exercem através de sua presença, o modo como conduzem seus comentários ou opiniões (Gordillo, 2000). Achamos importante ir além das informações dos pais em relação à comunicação com os treinadores e relatar o que pensam estes profissionais, quanto a terem um momento para discutir essas questões, através das entrevistas com os próprios treinadores:

“Em geral isso não, só se o pai, quando o pai vem, a primeira aula ele vem atrás e conversa, ele me pergunta muitas coisas, daí eu consigo conversar, mas ainda a gente não tem esse momento, só quando ele vai a próxima reunião ou quando ele participa do primeiro campeonato, aí o pai conversa” (entrevista com Carla, e.p.d.23-11-01).

Para Diego, a pouca participação dos pais nas aulas, ocorria porque eles tinham compromissos profissionais, os pais com quem ele conseguia comunicar-se eram poucos:

Ratificando o que diziam os pais e os treinadores, Gordillo (2000) refere-se aos trabalhos que são dirigidos aos treinadores no intuito de orientá-los a como focar as suas relações com os pais de maneira que isso possa permitir uma comunicação adequada e eficaz, dando conselhos e orientações de como influir nas atitudes e atuações deles.

A comunicação entre os pais e os treinadores na visão das crianças

Através das informações que obtivemos nas aulas, quanto à comunicação dos pais com os treinadores, segundo as crianças, elas em sua maioria nos disseram que raramente os treinadores falavam com os pais e esses com eles.

Demétrio, o filho de Fernanda, disse que sua mãe veio falar com o treinador, quando houve um desentendimento dele com um colega na aula. As crianças relataram que os pais vinham às reuniões antes do campeonato e conversavam com o treinador ou que a comunicação era feita através de bilhete, para eles comparecerem à reunião.

Para as crianças, a comunicação dos treinadores com seus pais acontecia quando estes tinham de entrar em quadra para fazer os arremessos. Raramente os treinadores e os pais conversavam.

Através das nossas observações, percebermos que raramente um pai vinha falar com os treinadores. E quando isso ocorria era feito rapidamente, porque a outra turma já estava esperando para iniciar a aula e nos eventos os pais ficavam olhando o jogo e não falavam com eles e a maior aproximação dos pais com os treinadores era quando eles entravam em quadra para fazer os arremessos.

Considerações finais

- Existia pouca participação dos pais (pelas suas ausências) no contexto das aulas da escolinha;
- nos eventos, a presença dos pais era significativa;
- os treinadores consideravam importante terem um espaço específico para melhorarem a comunicação com os pais;
- todos os pais expressaram a necessidade de um espaço para comunicarem-se com os treinadores;
- a percepção das crianças é de que, raramente os pais e os treinadores se comunicavam;
- muitos pais relataram que nas aulas, a habilidade de comunicação, dos treinadores com as crianças era adequada, mas nos eventos esportivos essa não ocorria da mesma forma;
- a comunicação verbal e não-verbal de alguns treinadores nos eventos era incoerente com a proposta do esporte-participação; demonstrando finalidades divergentes ao participarem dos eventos;
- para as crianças a comunicação dos treinadores, nas aulas e nos eventos, ocorria através de reforços positivos.

Ao final dessa investigação, frente aos resultados apresentados, sugerimos que o programa de iniciação esportiva estudado deva incluir a assessoria de um profissional da área de Psicologia do Esporte, para apoiar os treinadores, pais e crianças, com isso buscar o ampliação da habilidade comunicativa entre os mesmos. Este procedimento, que consideramos inovador, deverá contribuir para a construção de sentimentos de confiança e de cooperação entre essa tríade fundamental do desporto infantil: crianças, pais e treinadores.

Há necessidade de futuras investigações em todas as modalidades que fazem parte do Programa de Iniciação Esportiva da SME.

Sugerimos que estudos similares sejam efetuados com jovens da etapa evolutiva da adolescência em cujo período inicial de (treze a quinze anos) está localizado a maior incidência de abandono do esporte pelo ser humano.

Referências

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995. BECKER Jr., Benno. *Manual de Psicologia do Esporte e Exercício*. Porto Alegre/Novo Hamburgo: Novaprov, 2000a.

ANDRÉ, Marli E. D. A. *Psicologia Aplicada à Criança no Esporte*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000b.

ANDRÉ, Marli E. D. A. *Psicologia Aplicada ao Treinador*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2002 (no prelo). BECKER Jr., Benno; SAMULSKI, Dietmar. *Manual de treinamento psicológico para o esporte*. Porto Alegre: EDELBRA, 1998.

DAVIS, Flora. A comunicação não-verbal. São Paulo: Summus, 1979. 196p. DELPRETTE, Zilda A. P. *Psicologia das Habilidades Sociais: terapia e educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

DELPRIORE, Mary Lucy et al. *Imagens da Família – História da criança no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto, 1996. 176p.

ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 404p. GAELZER, Lenea. *Histórico. Liderança Recreacional. As atividades de grupo na recreação: formação de clubes*. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1985.

GORDILLO, Alex. Intervenção com os pais. In: BECKER Jr. Benno (Org.). *Psicologia Aplicada à Criança no Esporte*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000.

MINAYO, Maria Cecília S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: São Paulo: ABRASCO-HUCITEC, 1992.

MOLINANETO, Vicente. *Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física*. In: MOLINANETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

MOLINANETO, Vicente. *Instrumentos de Pesquisa Qualitativa*. (Aportes de aula). Porto Alegre, 2000.

NEGRINE, Airton. “Juego y psicomotricidade”. 1993. Tesis doctoral (Doutorado Didáctica y Organización Escolar) – Facultad de Pedagogia de la Universidad de Barcelona, Barcelona, 1993.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de Informações na Pesquisa qualitativa. In: MOLINANETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

RECTOR, Mônica; TRINTA Aluizio Ramos. *Comunicação do Corpo*. 2.ed. Petrópolis: Ática, 1993.

RODRIGUES, Rejane Penna. Uma brincadeira Itinerante. In: RODRIGUES, Rejane Penna. *Iniciativas Públicas de Lazer e Recreação em Porto alegre: alguns caminhos percorridos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, RECREAÇÃO E LAZER. *Diretrizes Pedagógicas*. Porto Alegre: In press, 2000.

SAMULSKI, Dietmar Martin. *Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Tradução de Maria Cristina Monteiro. 2.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

Notas

* Treinadores: neste trabalho, quando estivermos nos referindo a treinadores ou professores, tratamos daqueles que dão aulas nas escolinhas esportivas, tanto Licenciados em Educação Física como acadêmicos. Utilizamos a palavra treinador por esse ser um termo mais referenciado na Psicologia do Esporte.

** Mestre em Ciências do Movimento Humano ESEF/UFRGS. Professora de Graduação da Universidade Luterana do Brasil ULBRA

*** Doutor em Psicologia. Professor do Doutorado em Medicina e Ciências do Esporte da Universidad de Córdoba/Espanha e Professor Doutor do Centro Universitário FEEVALE/Novo Hamburgo/RS.

¹ Conversa com um familiar de uma criança durante uma observação de aula: dia 24-11-00.

² As mensagens efetivas, segundo Weinberg e Gould (2001), refere-se às mensagens eficazes que ocorrem na comunicação entre as pessoas.

³ O conteúdo verbal não está de acordo com a sua linguagem corporal (Becker Jr., 2000a).

Recebido: 26/09/02

Aceito: 30/12/02